

POR DENTRO DO ESTADO DE SÃO PAULO

11 IMIGRANTES INTERNACIONAIS NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Maria do Rosário Rolfsen Salles
Sênia Bastos
Odair da Cruz Paiva
Roberta Guimarães Peres
Rosana Baeninger
(Organizadores)



OBSERVATÓRIO DAS
MIGRAÇÕES EM
SÃO PAULO
FASES E FACES DO FENÔMENO
MIGRATÓRIO NO ESTADO DE
SÃO PAULO



POR DENTRO DO ESTADO DE SÃO PAULO



IMIGRANTES INTERNACIONAIS NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

v 11



Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Reitor

José Tadeu Jorge

Vice-Reitor

Alvaro Penteado Crósta

Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário

Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-Reitoria de Pesquisa

Glaucia Maria Pastore

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Itala Maria Loffredo D´Ottaviano

Pró-Reitoria de Graduação

Luis Alberto Magna

Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

João Frederico da Costa Azevedo Meyer

Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (COCEN)

Jurandir Zullo Junior

Núcleo de Estudos de População (NEPO)

Coordenação: Estela Maria Garcia Pinto da Cunha

Unidades/Orgãos envolvidos na publicação

Núcleo de Estudos de População (UNICAMP)

Faculdade Anhembi Morumbi

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

OBSERVATÓRIO DAS
MIGRAÇÕES EM
SÃO PAULO
FASES E FACES DO FENÔMENO
MIGRATÓRIO NO ESTADO DE
SÃO PAULO



POR DENTRO DO ESTADO DE SÃO PAULO



IMIGRANTES INTERNACIONAIS NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Maria do Rosário Rolfsen Salles
Sênia Bastos
Odair da Cruz Paiva
Roberta Guimarães Peres
Rosana Baeninger
(Organizadores)

Núcleo de Estudos de População (NEPO) – UNICAMP
Av. Albert Einstein, 1300 – CEP: 13081-970 – Campinas – SP – Brasil
Fone: (19) 3521 5913 – Fax: (19) 3521 5900
www.nepo.unicamp.br

Apoio

Projeto: Observatório das Migrações em São Paulo
FAPESP – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Organização e Revisão geral

Rosana Baeninger

Comitê de Publicação

Rosana Baeninger
Maria do Rosário Rolfsen Salles
Sênia Bastos
Odair Paiva
Roberta Guimarães Peres

Colaboração

Maria Ivonete Zorzetto Teixeira

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Traço Publicações e Design
Flávia Fábio e Fabiana Grassano

Ficha catalográfica

Adriana Fernandes

Ficha catalográfica

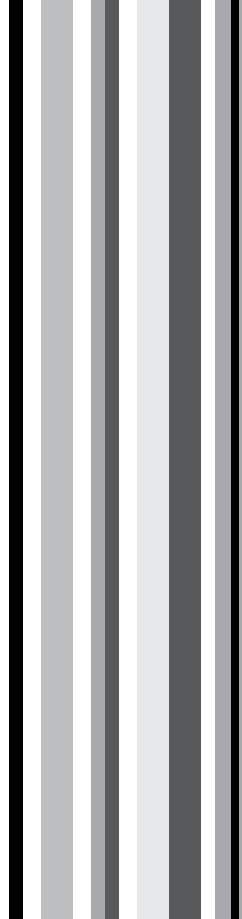
Imigrantes internacionais no Pós-Segunda Guerra Mundial/ Maria do Rosário Rolfsen Salles; Sênia Bastos; Odair da Cruz Paiva; Roberta Guimarães Peres; Rosana Baeninger (Org.). - Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Anhembi Morumbi, Universidade Federal de São Paulo. 2013.

48p.

(Por Dentro do Estado de São Paulo – Volume 11)

ISBN 978-85-88258-40-2

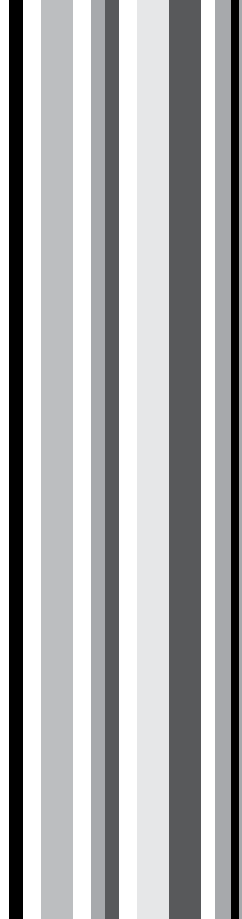
1. Imigrantes internacionais. 2. Hospedaria dos Imigrantes. 3. Pós-Segunda Guerra. I. Salles, Maria do Rosário Rolfsen II. Bastos, Sênia. III. Paiva, Odair da Cruz. IV. Peres Roberta. V. Baeninger, Rosana. (Org.). III. Título. IV. Série.



SUMÁRIO

	Apresentação	7
Imigração e política migratória no Pós-Segunda Guerra Mundial: perfil das entradas e trajetórias		11
Maria do Rosário Rolfsen Salles, Odair Paiva e Sênia Bastos		
	Perfil dos imigrantes	23
Sênia Bastos, Maria do Rosário Rolfsen Salles, Odair Paiva, Roberta Peres e Natália Belmonte Demétrio		
	Sobre autores	45





APRESENTAÇÃO

A migração internacional no período Pós-Segunda Guerra Mundial tem merecido enorme esforço de sistematização e tratamento dos dados referentes à entrada de imigrantes de diferentes nacionalidades chegados no Brasil entre 1947 e 1980. O banco de dados resultante do Projeto Temático *Novos imigrantes: fluxos migratórios e industrialização em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial- 1947-1980* (FAPESP/Memorial do Imigrante/ Núcleo de Estudos de População -Unicamp), desenvolvido entre 2003 e 2008, compõe também os desafios teórico-metodológicos do Projeto Temático *Observatório das Migrações em São Paulo*.

No âmbito da Coleção *Por dentro do Estado de São Paulo* este volume é dedicado ao Perfil dos Imigrantes no Pós-Segunda Guerra Mundial sintetizando informações provenientes do banco de dados Pós-WAR II. Este banco de dados foi construído a partir da documentação presente no Memorial do Imigrante/SP, objetivando analisar a dinâmica dos “novos” fluxos migratórios para São Paulo no período Pós-Segunda Guerra Mundial, particularmente, a inserção de trabalhadores considerados como mão de obra qualificada oriundos da Europa e do Japão, em resposta ao crescimento da demanda por esse tipo de trabalhadores para a indústria e agricultura que se mecanizavam, especialmente, no estado e na cidade de São Paulo.

O banco Pós-WAR II compreende as seguintes séries documentais, cujas informações foram sistematizadas e posteriormente trabalhadas: fichas de identificação (40.035), avisos de colocação e embarque/chegada (6.892), fichas do candidato (3.433), fichas de entrevista para colocação (3.606), *curricula vitae* (1.148), processos administrativos (3.296), pedidos de mão de obra qualificada estrangeira (155) e cancelamentos de mão de obra pré-colocada (76).

As fichas que serviram de base para a organização do Banco de Dados eram preenchidas por ocasião do desembarque em São Paulo. A primeira parada foi a Hospedaria de Ilha das Flores no Rio de Janeiro. Apenas parte daqueles imigrantes acabou se fixando no Rio de Janeiro. De acordo com o Departamento de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (*Revista de Imigração e Colonização*, 1950) do total geral de entradas de imigrantes “deslocados”

no Brasil (22 009), 11 079 dirigiram-se a São Paulo, ou seja, aproximadamente 51%. Depois de São Paulo, o estado que mais os recebeu foi o Paraná, com 4. 606, quase 21% do total para o Brasil, seguido do Rio Grande do Sul, com 2 160, 8,8%; Distrito Federal, com 1 705, 7,7%; Goiás, 852, 3,8%, Santa Catarina, 760, 3,4%; Rio de Janeiro, 553, 2,5%; Minas Gerais, 463, 2,1%; Bahia, 386, 1,7%, e em seguida, em números ínfimos, menores do que 12, ou seja, 0,05% do total, os estados do Ceará, Espírito Santo, Pernambuco, Acre, Rio Grande do Norte e Sergipe, juntos. Ou seja, Rio de Janeiro mais Distrito Federal receberam 10,2%. A razão do maior número de entradas em São Paulo, encontra-se justamente nas ofertas de emprego em função das carências de mão de obra qualificada provocadas pelo crescimento do seu parque industrial nos anos 40 e dos acordos firmados entre as empresas e o Governo do Estado para a colocação dos imigrantes.

Para o tratamento da documentação foram criados 45 campos para inserção das informações provenientes das séries documentais. No presente trabalho, foram trabalhados os dados relativos à nacionalidade, naturalidade, origem, sexo, idade, estado civil, procedência, destino, meio de transporte, posição familiar, profissão, empresa empregadora, residência e data da chegada.

Assim, os registros inseridos no banco de dados pautaram-se pela transcrição das informações presentes na documentação custodiada pelo Memorial, cujos dados foram sistematizados em três tabelas – principal, profissão e parentes.

A análise dos dados de cada imigrante, no entanto, revelou discrepâncias advindas de problemas relativos à digitação, preenchimento inadequado por parte do funcionário que realizou o registro do documento, omissões etc. Soma-se a necessidade de articulação dos dados das três tabelas, relacionando-as a partir do registro numérico do imigrante principal.

Para a elaboração das tabelas e dos gráficos, quando foi possível precisar a informação a partir dos dados presentes no próprio banco, os registros sem informação ou com informação incorreta foram previamente corrigidos visando a sistematização dos resultados de cada grupo, como por exemplo, dos campos relativos ao sexo e à idade, uniformização de termos, supressão de espaços, pontos e demais sinais gráficos.

Para o tratamento da variável residência bem como da localização da empresa contratante dos imigrantes de nacionalidades portuguesa, italiana e polonesa, os dados foram quantificados por Estado e, no caso do paulista, seguindo-se a atual Divisão Administrativa do Estado de São Paulo.

Do ponto de vista cronológico, este conjunto documental divide-se em duas fases: 1947-1951, quando as entradas são majoritariamente de refugiados de guerra que se encontravam em campos de refugiados na Alemanha e na Áustria e que constituem um grupo formado por imigrantes provenientes do leste europeu e que entram basicamente pelos organismos internacionais encarregados do repatriamento e colocação em países europeus e não europeus, no caso, a *International Refugee Organization* (IRO) e *Hebrew International Assistance* (HIAS).

A partir de 1952, após a extinção da IRO e criação do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), as entradas ficam organizadas pelo CIME e pelos acordos bilaterais entre os países, até o final dos anos 1970. Nesse período, modifica-se o perfil dos imigrantes, com entradas de diversas nacionalidades (italianos, espanhóis, alemães, suíços, japoneses, etc.), cuja característica básica é sua inserção urbana e industrial, sobretudo em São Paulo (SAKURAI; SALLES; PAIVA, 2008). Esse período caracteriza-se pela retomada da política imigratória, com o Decreto Lei n. 7.967, de 18/09/1945. Segundo o Artigo 38 desse decreto, a imigração dirigida ocorre quando o Poder Público, empresa ou particular promove a introdução de imigrantes,

hospedando-os e localizando-os. O primeiro parágrafo, aponta a preferência por famílias que contenham pelo menos oito pessoas aptas para o trabalho, entre 15 e 50 anos (Boletim do Departamento de Imigração e Colonização, 1952). Revogado esse decreto com a Resolução do Conselho de Imigração e Colonização n. 1.676, de 18/10/1950, suprime-se o regime das quotas para imigrantes das nacionalidades portuguesa, espanhola, francesa e italiana. A partir de então, inúmeros acordos firmaram-se entre o Brasil e os países europeus e o Japão. O estado de São Paulo continuou sendo o principal polo da “nova” imigração internacional.

Essa publicação traz informações sistematizadas de nove nacionalidades que compuseram os processos migratórios do Pós-Segunda Guerra Mundial: alemães, espanhóis, gregos, holandeses, húngaros, italianos, iugoslavos, japoneses, russos. Sua realização foi possível a partir da articulação de pesquisas e parcerias institucionais, refletindo o esforço na busca de dados e análises acerca da migração internacional em períodos posteriores à grande imigração e possibilitando ampliar o conhecimento teórico e empírico acerca das especificidades da migração internacional e o perfil de seus imigrantes no Estado de São Paulo a partir de 1945.

Rosana Baeninger

IFCH/NEPO-UNICAMP

Coordenadora do Projeto Temático *Observatório das Migrações em São Paulo*

Maria do Rosário Rolfsen Salles

UNESP/Faculdade Anhembí-Morumbi

Coordenadora do Projeto Temático *Novos imigrantes: fluxos migratórios e industrialização em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial- 1947-1980*



IMIGRAÇÃO E POLÍTICA IMIGRATÓRIA NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: PERFIL DAS ENTRADAS E TRAJETÓRIAS

Maria do Rosário Rolfen Salles
Odair Paiva
Sênia Bastos

Desta forma, o período do Pós-Segunda Guerra é o quarto e último período na entrada de imigrantes, se considerarmos os períodos anteriores – primeiro período: da imigração subsidiada até 1906; segundo período: de 1906 às vésperas da Primeira Guerra Mundial; terceiro período: do final da Primeira Guerra Mundial até o fim do Estado Novo, em que se encerra a política subsidiada e se inicia a política restritiva à imigração (BASSANEZI, 1995). Assim, passam a vigorar, basicamente, os seguintes tipos de imigração: uma, espontânea, que se dá através das “cartas de chamada” de parentes e oferta de empregos; outra que se caracterizava por grupos e cooperativas com vistas, sobretudo, à colonização agrícola; e a imigração dirigida, orientada pelos convênios entre o governo brasileiro e os organismos internacionais. A partir dos anos 1960, viu-se declinar novamente o movimento imigratório que se limitou a técnicos e profissionais especializados.

Evidentemente, a corrente imigratória espontânea que se forma em decorrência do desenvolvimento industrial de São Paulo e em menor escala, de outros estados, mantém de certa forma o fluxo migratório dirigido às profissões urbanas. Entretanto, a Primeira Guerra Mundial já havia introduzido profundas transformações na estrutura política, econômica e social de todo o mundo e particularmente dos países envolvidos na emigração/imigração,

[...] de modo a criar exigências e condições muito diferentes das do período anterior que se caracterizava pelo regime liberal do “laissez faire”.

As migrações não mais poderiam se ajustar aos antigos métodos e às organizações já obsoletas por se basearem na ação unilateral de indivíduos ou de nações interessadas. Impunha-se então, a coordenação e a cooperação no campo internacional (VASCONCELOS, 1950, p. 145).

Estão neste contexto, segundo o autor, as iniciativas de acordos bilaterais e as diversas convenções internacionais adotadas em consequência de conferências promovidas pelo *Bureau*

International du Travail, embora mesmo assim, tenham ficado sem discussão no plano das migrações, questões verdadeiramente controvertidas. Ainda no período de pré- segunda guerra, o Brasil participou de conferências com os demais países interessados na imigração no sentido de se instituir uma Comissão Permanente. Nas condições posteriores de intensa instabilidade internacional a coordenação dos movimentos migratórios não pôde ser levada adiante.

A imigração no Pós-Segunda Guerra

Do ponto de vista do quadro internacional vigente entre as duas guerras mundiais e aquele posterior à Segunda Guerra, há grandes diferenças que se referem às especificidades das relações internacionais. Por exemplo, o sistema internacional Pré-Segunda Guerra é multipolar, e aquele que passou a vigorar no Pós-Segunda Guerra, é bipolar (VIGEVANI, 2009). Entre as duas guerras mundiais havia o pressuposto de que poderia prevalecer o multilateralismo, mas que acabou não ocorrendo plenamente. Nesse contexto, cria-se a Liga das Nações e a possibilidade de desenvolver-se um sistema multilateral e cooperativo tendo em vista a necessidade de se controlar os conflitos entre as nações e o comércio internacional. Tal aspecto ajuda a entender a importância da criação dos organismos internacionais multilaterais e as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança. No que se refere especificamente às migrações internacionais e à criação do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias CIME¹, em 1951, os organismos respondiam às necessidades dos países vencedores, os quais se encontravam com uma população muito grande, desalojada e carente de novos locais para viver e trabalhar (AMBROSI, 2009).

Por isso, os EUA, assim como os países da Europa Ocidental e da América Latina - que na ocasião estava muito mais próxima da órbita dos EUA do que agora - estabeleceram as bases para criar uma organização internacional que pudesse se ocupar do problema. Em consequência, o nascimento da OIM (Organização Internacional para as Migrações) foi decidido como resposta, não da comunidade internacional, mas de uma parte específica dela - a que havia vencido a guerra (AMBROSI, 2009, p. 18).

A atuação do CIME, então, fica marcada pela existência dos dois blocos e as fronteiras entre os países deixam de ser um ponto de encontro para tornarem-se um ponto de divisão dentro de um mesmo espaço homogêneo, o Ocidente. A posição brasileira no contexto internacional e os interesses, por parte de significativa parcela dos intelectuais e diplomatas encarregados da discussão da política imigratória, em reativar a imigração dirigida determinaram a elaboração de acordos bilaterais com alguns desses organismos encarregados da imigração, como a IRO, para o repatriamento e colocação dos deslocados de guerra, assim como do CIME, que passou a atuar a partir de 1951, com a extinção da IRO.

Do ponto de vista da política imigratória brasileira do Pós-Segunda Guerra, esta caracterizou-se pela inserção de trabalhadores com perfil majoritariamente voltado para as atividades urbanas e industriais e, em São Paulo, pela modernização do parque industrial, tanto na capital como em diversas regiões do estado. Evidenciam esse processo o crescimento de novos ramos da indústria automobilística, eletroeletrônica, química, farmacêutica, etc., além de investimentos em projetos agrícolas.

Nesse contexto, o ano de 1947, que, sob diversos aspectos, caracteriza-se por ações internacionais visando a enfrentar os problemas decorrentes do final do conflito, é marcante, também, em função da proclamação da doutrina Truman, que anunciava a disposição norte-

¹ Hoje Organização Internacional para as Migrações (OIM).

americana de combater a expansão comunista, e a aprovação do Plano Marshall. O Plano Marshall, como se sabe, foi concebido para recuperar a economia europeia do Pós-Segunda Guerra, dentro do espírito liberal e de multilateralismo de reconstrução, que animou o governo norte-americano desde 1941, e visava, ainda, a consolidação da hegemonia americana. Assim, “O Plano Marshall deu à Europa devastada pela guerra os meios econômicos necessários para estimular o arranque da sua reconstrução. Os meios humanos foram fornecidos numa primeira fase pelos deslocados, refugiados e emigrantes do leste e sul europeu” (BAGANHA, 1993, p. 820). Com essa perspectiva, criaram-se os organismos internacionais encarregados do direcionamento das populações deslocadas e dos assuntos gerais e decisões sobre as migrações e recrutamento, seleção e colocação de mão de obra (AMBROSI, 2009).

Os países europeus, com exceção da Espanha, receberam empréstimos e donativos para sua recuperação, entre 1948 e 1952, através de acordos bilaterais que favoreciam os EUA e permitiam o controle da política econômica e industrial dos países em questão, além de interferir nas relações do leste com o oeste europeu, impondo restrições de exportações de produtos “estratégicos” ao leste e aprofundando a dependência econômica ocidental em relação aos EUA.

O Pós-Segunda Guerra, dessa forma, significou um período de extrema confiança na recuperação econômica e na intervenção do planejamento nessa recuperação. É neste contexto que aparece um fato novo com relação ao planejamento dos movimentos migratórios internacionais: a criação de órgãos técnico-administrativos destinados a intervir na prática, num amplo processo de cooperação internacional. Em atinência à questão das migrações, os mais importantes desses organismos são a IRO e o CIME, entre outras, como o Comitê Intergovernamental Católico para as Migrações (CICM).

Segundo La Cava (1988, p. 53): “[...] a intervenção pública na questão imigratória remonta aos inícios das republicas independentes [...] Tratava-se de um tipo de intervenção estatal que subvencionava, dirigia e até certo ponto selecionava os fluxos [...]”.

Ainda essa autora lembra que:

[...] a política imigratória era fruto de um projeto nacional e racial mais amplo do que o de uma geração ou elite regional. Para Skidmore, o projeto imigratório brasileiro se baseara entre 1889 e 1914, na tese do “branqueamento” ou da miscigenação da população de cor que, até o momento da grande imigração, dominava o quadro demográfico do país (SKIDMORE, 1976 apud LA CAVA, 1988, p. 54).

De certa forma, essa orientação continuará presente nos momentos posteriores e é, nesse contexto, que se deve discutir a inserção das nacionalidades entradas no Pós-Segunda Guerra. A mesma autora, referindo-se à imigração italiana nesse período, afirma que:

Na primeira fase, de 1945 a 1952, marcada pelo assim chamado sistema triangular, os Estados Unidos providenciaram os capitais privados na América Latina, a Europa, a mão de obra e a América Latina, os recursos naturais (terras, etc.). Nesse período, [...] teria sido resolvido tanto o problema do excesso populacional europeu, como o da ‘carência’ da mão de obra necessária para o desenvolvimento da América Latina.

[...] ao contrario do que sugeria a literatura pró-imigratória, o êxodo europeu para a América Latina no pós-guerra não foi determinado exclusivamente pelos mecanismos de demanda e oferta, característicos do mercado internacional de trabalho na era do liberalismo (1870-1920). A tensão entre o projeto de reconstrução da Europa e a realidade social e política, por um lado, e por outro, a impossibilidade de canalizar altos contingentes de imigrantes italianos para a América Latina através de simples mecanismos de livre mercado, configuraram uma tipologia única na história das migrações transoceânicas. [...] Assim como outros problemas sociais do pós-guerra, a questão imigratória foi abordada com estratégias dirigistas que transcendiam as iniciativas privadas e nacionais (LA CAVA, 1988, p. 57-58).

Além do Decreto Lei n. 7.967, os demais acordos firmados no período são: o Brasil é signatário do acordo relativo às disposições provisórias sobre os refugiados e deslocados da IRO (15/09/1946); Acordo de Migração entre o Brasil e a Itália (5/07/1950); legislação para criação do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC, 1945); Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (concluída em Genebra, em 1951, e assinada pelo Brasil, em 1952); Acordo de Migração entre o Brasil e a Espanha (1960); Acordo de Imigração e Colonização entre o Brasil e os Países Baixos (15/12/1950); e a constituição do CIME (19/10/1953).

O debate sobre a entrada de imigrantes no Pós Guerra

Uma análise dos artigos publicados na Revista de Imigração e Colonização (RIC)² no período, mostra uma série de idéias a respeito do grupo de “refugiados”, chegando mesmo a haver defensores da proibição da sua entrada na medida em que seria formado sobretudo por “neuróticos de guerra”. Contudo, havia outra série de pessoas que defendiam, sob roupagens humanitárias ou apelando para a necessidade de mão de obra qualificada, acordos para a entrada daqueles imigrantes. Havia toda uma defesa também da imigração daqueles imigrantes considerados mais adequados ao país, ou seja, italianos, portugueses e espanhóis. Em artigo que também analisa o conteúdo dos artigos publicados na Revista Imigração e Colonização, Peres (1997), enfatiza a importância e a penetração que a Revista tinha nos meios políticos e intelectuais da época e o peso que a imigração voltou a ter com o debate da sua necessidade ou não em face da política de restrições que havia caracterizado o período posterior à Constituinte de 1934 que instituiu um sistema de quotas para as várias etnias aqui presentes. A autora assinala a importância da Revista que se centrava em assuntos diretamente relacionados à imigração, reproduzindo artigos publicados pela grande imprensa, a legislação em vigor, relatórios, dados, estudos e pareceres, que eram consultados por técnicos e autoridades diplomáticas,

[...] em busca de uma orientação para a questão imigratória brasileira. Os autores que contribuíam com esta publicação, eram principalmente ministros, médicos, psiquiatras, higienistas, jornalistas, juristas, educadores e diplomatas, muitos dos quais já escreviam sobre o assunto desde a década de 20 (PERES, 1997, p. 54).

Realmente a imigração nunca saiu de pauta das discussões sobre a necessidade premente de mão de obra para a agricultura e para a indústria em expansão e aparecia como solução para os problemas de povoamento e de colonização. Além disso, a imigração do pós-guerra, e em particular, o caso do enorme número de deslocados e refugiados que fatalmente existiria finda a guerra, eram assuntos discutidos muito antes do final da guerra. É evidente também, nas discussões, o debate sobre “o bom” e “o mau” imigrante, apresentando-se os chamados “latinos”, ainda como os preferenciais.

Essas condições são básicas para o entendimento das políticas adotadas no pós-guerra. No caso brasileiro, a Constituição de 1934, ao instituir no seu artigo 121, parágrafo 6 que “a entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade civil do imigrante, não podendo porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de 2% sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos 50 anos”, havia limitado a entrada dos imigrantes e passado à União a competência de legislar sobre os assuntos mais gerais da imigração. Posteriormente, a Legislação de 1937 mantém as restrições, que impõem peso maior àquelas etnias menos

² Ver a respeito, artigo de Salles (2007).

numerosas, reforçando a preferência expressa desde a Constituição de 1891 pelos imigrantes de origem européia, especialmente os considerados mais afinados com a cultura latina, os italianos, portugueses e espanhóis. Até o último decênio do Império, a Província de São Paulo recebeu 40% do total dos imigrantes, sendo 93% de origem latina (VASCONCELOS, 1950, p.150).

No primeiro decênio do Governo Republicano o Brasil recebeu a mais volumosa corrente imigratória. A preocupação posterior com o abastecimento de braços para a lavoura cafeeira introduziu o debate para a introdução de imigrantes japoneses e a assinatura de acordos a partir de 1907 até a introdução das restrições pela constituinte de 1934.

A grande justificativa para a retomada da imigração no pós-guerra para os defensores dessa idéia, era a crescente necessidade de braços qualificados para uma lavoura que se modernizava e para a indústria em expansão no Estado e na Cidade de São Paulo.

Entretanto, é preciso considerar toda a conjuntura internacional e suas repercussões na economia brasileira nas décadas de 1920 e 1930, sobretudo o impacto da “grande depressão” sobre a economia mundial e sobre a brasileira em particular. Países que dependiam enormemente do seu setor externo como o Brasil, e de suas exportações, o café, principalmente, no caso brasileiro, tiveram um encarecimento relativo muito alto das importações das quais dependiam, o que os fez se “voltarem para dentro”, como se sabe, com o crescimento da economia dependendo então, de fatores internos. Esses fatores interferiram basicamente não apenas na política econômica dos períodos 1930 a 1934, 1934 a 1937, período de um certo *boom* econômico e posteriormente no período do Estado Novo, de 1937 a 1945, da chamada “economia de guerra” e do fortalecimento do poder central, como na política visando o abastecimento do mercado de mão de obra que passou a depender diretamente das diretrizes traçadas pelo poder central. Toda a retórica em torno da proteção ao trabalhador nacional e os apelos nacionalistas do período, se explicam no fundo pelas injunções da economia de “substituição de importações” e pelas necessidades de um mercado carente de mão de obra qualificada. São vozes paulistas que clamam pela necessidade de se restaurarem as correntes imigratórias e que empreendem as críticas mais contundentes à política imigratória restritiva pós 1934.³

A experiência imigratória e a distribuição dos imigrantes pelos bairros da cidade de São Paulo

A cidade que os imigrantes encontrariam no final da década de 1940 é bastante diferente da metrópole de hoje. Como se sabe, São Paulo se desenvolveu muito rapidamente a partir do seu núcleo inicial, desde finais do século XIX. Embora em 1890, já apareçam arruados os Bairros da Bela Vista, Vila Buarque e Santa Cecília, a área entre a Luz e o Brás e parte do Bom Retiro, e já exista um “surto industrial” significativo, a característica da evolução urbana da cidade até 1900 se dá de maneira pouco compacta. A cidade que em 1890 conta com 64 939 habitantes, passa para 239 820 em 1900, quase quadruplicando. Esse período se caracteriza por arruamentos isolados, completamente separados da cidade propriamente dita. Caracteriza-se também pela absorção quase total do cinturão das chácaras. A parte arruada vai da Várzea do Tietê, Barra Funda Belenzinho, até a Quarta Parada, Mooca, Vila Deodoro, Aclimação, Paraíso, Santa Cecília, V. América e Higienópolis. Vila Mariana, Clementino, Perdizes são então, apêndices desse bloco mais compacto. Pinheiros, antigo aldeamento indígena e a antiga Freguesia do Ó, aparecem como loteamentos com arruamentos bastante amplos, o que denota a expansão da

³ Ver a respeito desse período, *A ordem do Progresso, cem anos de política econômica republicana, 1889-1989* (ABREU, 1990).

cidade e a tendência do desdobramento do espaço urbano. O transporte urbano já relativamente desenvolvido desde finais do século, primeiro com os bondes “à tração animal” (cuja primeira linha inaugura-se em 1872 ligando o Centro à Estação da Luz), depois com o bonde elétrico (depois de 1900), interligava o espaço urbano com o auxílio da malha ferroviária do estado que em parte penetrava na cidade interligando a atividade cafeeira e o desenvolvimento urbano da cidade.

O bonde elétrico facilita a expansão difusa do espaço urbano, estendendo suas linhas aos bairros mais afastados e a regiões ainda não urbanizadas. Os bairros são relativamente isolados mesmo no período posterior a 1900, o que se acentua com a implantação dos núcleos coloniais nos arredores da cidade. As ferrovias que já haviam desde o período anterior, demonstrado atrair as indústrias, continuam a desempenhar importante papel como polarizadoras da industrialização e de formação de bairros e conferem às faixas servidas por elas, uma “vocação suburbana” que se manteria posteriormente. (Ex: Ferrovia Santos-Jundiaí, notadamente o trecho da M oca- Barra Funda e a Sorocabana entre a Estação Central e a Barra Funda onde as indústrias se adensam). Os núcleos coloniais se caracterizam pela entrada de imigrantes estrangeiros, na época, italianos. Eles auxiliam na reorganiza o espacial que se traduzia numa maior valoriza o do cinturão caipira. Depois de 1900 d -se o crescimento das áreas afastadas das ferrovias, como   o caso de Itapecerica e Embu. Cotia e Guarulhos já eram municípios atingidos pela ferrovia durante o período.⁴

De 1915 a 1940 se verifica a expansão propriamente urbana de São Paulo, o início da metropoliza o. Se no período de 1900 a 1920 houve um crescimento de 141% na popula o, entre 1920 e 1940, há um crescimento de 124% que, embora relativamente menor,   maior em termos absolutos. Em 1920 a cidade contava com 579 033 habitantes e em 1940, com 1 294 223. Embora continue a tendência anterior de um certo isolamento dos Bairros já há um esboço de arruamento entre vários deles: Pinheiros e Consola o, entre Perdizes e Lapa, nasce a Vila Pompéia e a Vila Romana; o espaço entre a Lapa e a Vila Leopoldina   ocupado por novos loteamentos, algumas áreas vizinhas ao bloco central são também arruadas: Pacaembu, Jardim América, Jardim Europa, J. Paulista, Alto da Mooca. Todos são mais ou menos desprovidos de edifica es, permanecendo uma tendência do período anterior que   a especula o imobiliária.

Entretanto esboçam-se novas tendências, entre as quais, a ocupa o de trechos de várzea com loteamentos residenciais. A isto se chama “surgimento do cinturão de loteamentos residenciais suburbanos”. Surgem os “Bairros Jardins”, destinados às classes abastadas, há uma valoriza o do Setor Oeste da cidade, o ônibus surge como novo veículo de transporte coletivo, com 35 linhas municipais em 1935; persiste, em 1940, a pequena densidade de ocupa o urbana da porão mais externa da cidade, o que denota a especula o imobiliária desenfreada em que os terrenos se v em artificialmente valorizados. Há um grande impulso gerador de subúrbios residenciais que se originou da amplia o do parque industrial na faixa de várzeas e terrenos fluviais (LANGENBUCH, 1976).

O Mapa Sara Brasil, de 1930, mostra o colar quase contínuo de indústrias que se estabelecem entre a Lapa e o Ipiranga. Como dissemos no início, essa implanta o convidava os operários a se estabelecerem em torno das esta es ferroviárias fora da cidade, onde os terrenos e os alugue s eram mais baixos. Essa fun o residencial dos subúrbios também se caracterizou pela implanta o de popula es estrangeiras em terrenos campestres da zona suburbana, como

⁴ Este *retrospecto* se baseia no livro *A estrutura o da Grande São Paulo* (LANGENBUCH, 1976).

é o caso dos anglo-saxônicos e alemães que se instalaram no Brooklyn e no Tremembé, atraindo posteriormente outros imigrantes nórdicos, segundo Langenbuch (1976).

No conjunto, a maioria dos bairros foi comandada pela ferrovia e pela implantação industrial e operária que comandou a expansão suburbana. Neste processo aparecem: São Bernardo, Santo André, São Caetano, como “zona industrial paulistana”.

Há uma outra tendência do período que é o desenvolvimento do meio rural circundante, e que de certa forma também tem a ver com os imigrantes, desenvolvendo-se com equipamento hidráulico e hidroelétrico da cidade; desenvolvimento de uma recreação campestre e de uma agricultura comercial visando a cidade, com a produção de frutas e hortaliças num cinturão verde desenvolvido em grande parte pelos japoneses. Os japoneses formam o terceiro grupo estrangeiro a se fixar em São Paulo visando o meio rural, como haviam feito os italianos e os alemães. Com a implantação de Cotia em 1913, eles desenvolveram a agricultura de tipo suburbano que abastecia a cidade, fenômeno que acompanhou a crescente industrialização e urbanização da metrópole paulista e o desenvolvimento de suas cidades satélites e o conseqüente aumento da demanda de abastecimento que a expansão exigia.

A década de 40, desta maneira, é um marco no processo da grande metropolização que se desenvolveria a partir daí. A cidade de São Paulo que os imigrantes desembarcados na Hospedaria de Campo Limpo encontraram era ao mesmo tempo, bastante complexa, mas também cheia de oportunidades. Ela já era uma cidade tradicionalmente receptora de imigrantes e esses, de maneiras diferentes, encontravam identidades e se mesclavam à vida da cidade na sua tendência há muito esboçada à industrialização. Participavam da formação dos bairros, não no sentido da formação de quistos, mas se aglutinavam, de certa forma.

A participação dos imigrantes das diversas nacionalidades que são o nosso objeto de estudo neste contexto de evolução urbana, não é muito “visível”, entretanto, é de fundamental importância num “nicho” bastante significativo de ocupações e na própria constituição urbana da cidade de São Paulo, dadas as características gerais da sua evolução, especialmente a formação dos bairros industriais.

Embora seja um fato mais ou menos aceite, que não há formação de quistos ou bairros étnicos em São Paulo como é o caso de N.York por exemplo, podemos dizer que há concentrações mais ou menos nítidas. Talvez a não visibilidade do grupo de nacionalidades com o qual estamos trabalhando, na cidade de São Paulo, e muito mais no interior, se deva exatamente ao fato de se tratarem de grupos minoritários se considerarmos evidentemente os italianos e os grupos maiores. Para os objetivos traçados no início do projeto, a localização dos imigrantes pode ser reveladora da aproximação a determinados grupos e não a outros, a escolha de caminhos na sua trajetória.

A concentração/ dispersão dos imigrantes pelos bairros na cidade de São Paulo apontam caminhos percorridos nas primeiras fases, em que a busca de empregos era determinante. Há diferenças entre a concentração das empresas e das residências, que talvez se devam ao processo descrito anteriormente em que à tendência de concentração industrial se soma a busca dos locais em que os aluguéis ou os terrenos eram mais baratos.

Profissões

De uma maneira geral, as profissões declaradas no momento da chegada a São Paulo, se determinaram as oportunidades de trabalho ao chegar, indicam, num confronto com os primeiros empregos, uma discrepância significativa. É um dos aspectos importantes a ser trabalhado, como

o confronto entre os operários qualificados, técnicos e profissionais de nível médio e superior, as ocupações definidas como serviços e ocupações não qualificadas, os empregos efetivamente conseguidos nos primeiros contratos em São Paulo, etc. Esse dado é significativo, na medida em que indica um primeiro ajuste das qualificações ao mercado de trabalho e salários ao chegar, de acordo com as condições paulistas.

Uma análise das ocupações que compõem cada uma dessas categorias profissionais, ajuda também a compreender o leque de opções que eram oferecidas aos imigrantes. Os operários qualificados referem-se a ocupações especializadas na indústria metal-mecânica como auto-mecânicos, eletricitas, ferramenteiros, ajustadores, montadores, serralheiros, torneiros-mecânicos, etc., assim como soldadores, vidreiros, ferreiros, encanadores, carpinteiros, marceneiros, etc, que refletiam bem o estágio de desenvolvimento da indústria paulista na época, ou seja, uma indústria a caminho da industrialização pesada que caracterizaria o desenvolvimentismo da época JK com a implantação da indústria automobilística na década seguinte.

Com os depoimentos será possível acompanhar as trajetórias ascendentes desses primeiros técnicos qualificados que compunham o grupo de imigrantes. Por outro lado, as ocupações de nível médio e superior já envolviam desde o início, cargos como engenheiros, assistentes de várias ordens, calculistas, administradores, químicos, especialistas em hidráulica, em laticínios, embutidos, papéis, gráfica, rádio, elevadores, professores etc.

Uma análise da distribuição das ocupações entre nacionais e estrangeiros, poderia mostrar em que medida os estrangeiros realmente ocupavam os postos mais qualificados. É bom lembrar que estávamos sob a legislação dos chamados 2/3, que visava proteger o trabalhador nacional, o que provocou muitas nacionalizações. A julgar, entretanto, pelas justificativas dos defensores da imigração como se viu, os estrangeiros eram muito bem vindos quando se tratava de desempenhar tarefas que exigiam qualificação.

Desta maneira, as empresas empregadoras nesse momento, muitas das quais já colocavam as suas necessidades junto às autoridades e à Hospedaria, de modo que boa parte já chegava com um contrato de trabalho, eram empresas de médio e grande porte, como frigoríficos, construtoras, firmas de engenharia, mecânica, de auto-peças, de produtos alimentícios, de tecidos e estamparia, de motores, como a montadora da General Motors, indústria de couros, mineração, etc. Essas empresas, muitas das quais estrangeiras, são a Swift, a Armour, a General Motors, a Firestone, ou pertencentes a imigrantes como as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, a Fichet Schwartz e Hautmont, a Fiação de tecidos e estamparia Ipiranga Jafet, etc.

Distribuição dos imigrantes segundo a localização das empresas e os locais de moradia

A distribuição dos imigrantes segundo a localização das empresas é outro fator importante para a análise da distribuição dos imigrantes em São Paulo. A concentração obedece a localização dos Bairros industriais do Centro, Zona Sul, Leste e Oeste que são zonas de expansão industrial na década de 40, sobretudo as regiões Oeste em expansão, a Água Branca, a Lapa, Vila Romana, Vila Anastácio, Osasco; Sul/ Leste, sobretudo Mooca, Belenzinho, Ipiranga, Tatuapé, Vila Bela, Vila Zelina, V. Prudente, São Caetano, Santo André, São Bernardo, etc. (Conforme também aponta Langenbuch).

O mesmo com relação aos locais de moradia. As escolhas do local de moradia, dependiam em grande medida, das oportunidades de emprego e de salário e se deveram também, em

grande parte, às oportunidades oferecidas pelo mercado imobiliário em São Paulo, à formação dos bairros residenciais, etc. No entanto, dada a residência anterior das mesmas nacionalidades em São Paulo, as opções são bastante reveladoras das relações que então se estabeleceram em São Paulo.

Os mecanismos de adaptação a São Paulo tanto para os imigrantes que haviam chegado pela IRO, quanto aqueles que vieram através de cartas de chamada de parentes ou amigos, eram bastante semelhantes. Em ambos os casos, além do emprego a primeira providência a tomar era a moradia. Nos primeiros tempos, ficavam em casa de parentes ou amigos, até o primeiro salário permitir o aluguel de uma casa. Em alguns casos, a empresa que contratava fornecia a moradia ou moravam no emprego, em casos de serviços domésticos. Quando se tratava, porém, de aluguel, a escolha se dava pelos bairros mais próximos ao trabalho e aos parentes e conterrâneos. No entanto, essa aproximação também era bastante reveladora do processo de adaptação dos imigrantes, não bastava a mesma nacionalidade, a filiação religiosa ou política é que determinavam a aglutinação.

Informações provenientes de depoimentos para o projeto História Oral, de Sonia M. de Freitas, Memorial do Imigrante, SP

Entre os poloneses, por exemplo, os católicos e os judeus formavam grupos distintos. O Sr. Zdzislaw, por exemplo, polonês, católico, mecânico de profissão e cuja primeira ocupação foi numa indústria automobilística, chegou bastante jovem, com a família e escolheram a Vila Zelina, por razões de parentesco e de vizinhança com outros conterrâneos já residentes no Bairro. Era proveniente de uma família de agricultores, cujo pai era proprietário de um moinho na região de Chelm, lugarejo à Leste da Polônia, a 40 km da fronteira russa, rica em grãos, trigo, centeio, batata e beterraba para produção de açúcar. Sua história é semelhante em muitos pontos, a dos judeus poloneses, no entanto, há diferenças bastante marcantes, já na própria Europa. A família perde a propriedade quando a Polônia é invadida por russos e alemães durante a guerra. Nessa ocasião já existia a UNRRA e a família pôde se refugiar no campo de refugiados na Alemanha, ainda em 1943. Ali o entrevistado teve oportunidade de estudar mecânica e tornou-se técnico em mecânica. No final da guerra, a família trabalhava numa fábrica de blocos de concreto. (Projeto História Oral, Memorial do Imigrante).

Com a criação dos campos de refugiados por nacionalidade pela UNRRA, ficaram até 1949, período em que frequentou a escola, o ginásio e a escola técnica. O pai, com o auxílio da UNRRA e da Cruz Vermelha, arrumou trabalho, mas como não queriam voltar à Polônia, de onde haviam sido expropriados, optaram pela emigração. Várias possibilidades se apresentavam além do Brasil: Canadá, Austrália, EUA e Argentina. Os solteiros podiam ir para o Canadá, a família poderia ter ido para os EUA, mas ele tinha 20 anos e teria que fazer o serviço militar e havia a guerra da Coreia. Pretendiam então ir para a Argentina onde tinham parentes. Subitamente a Argentina fechou a imigração. Como tinham parentes também em São Paulo, vieram para o Brasil. Chegaram à Ilha das Flores onde ficaram, até surgir a oportunidade de trabalho em São Paulo, onde ficaram duas semanas na Hospedaria.

O relato da viagem é de que havia muitas outras nacionalidades do Leste europeu, pessoas de quem ficaram amigos depois. A primeira moradia em São Paulo foi na Vila Zelina onde já se encontravam os poloneses aqui residentes, além de outras nacionalidades do Leste europeu. Imediatamente se filiaram à Sociedade Polonesa Joseph Pilsudski, marechal libertador da Polônia em 1918. O pai conseguiu emprego no Moinho Gambá, na Borges de Figueiredo.

Para o entrevistado, que era especializado em mecânica, o primeiro emprego foi na Mecânica Nacional, fábrica de tornos mecânicos do Grupo Matarazzo, passando depois para a Usina de Aços Villares em São Caetano. No segundo emprego o salário subiu 50% em relação ao primeiro. Da Villares passou para a Vemag, indústria automobilística e de lá para a Mercedes, sempre se aperfeiçoando na profissão, (o que dá uma idéia das várias trajetórias semelhantes de técnicos especializados e com qualificação). Casou-se e foi morar no Bairro do Paraíso com os sogros. A relação com a colônia se dá através da Sociedade Polonesa que fica ao lado da Estação Armênia do Metro, onde os poloneses se reúnem todos os sábados e domingos e da Igreja, a Capela Polonesa, Nossa Senhora Auxiliadora, com missa em polonês e localizada no Bairro do Bom Retiro. Pratica o escotismo juntamente com amigos poloneses. A língua é falada em casa, ao lado do português, até os netos sabem polonês. Lêem jornais escritos em polonês, o Ziarna I Zlosy (Espiga), dirigido por padres e também o Stepień, dirigido por salesianos naturalizados brasileiros.

Por outro lado, a trajetória de um judeu polonês é um pouco diferente: O Sr Abraão, judeu polonês, cujo pai pertencia a um grupo de resistência na Polônia e conseguiu se refugiar na Itália, teve a mãe aprisionada num campo de concentração para mulheres, tendo sido resgatada apenas depois da guerra. Uma vez tendo se decidido pelo Brasil porque a mãe foi incentivada por um irmão, além de terem tido auxílio internacional e da HIAS, vieram para São Paulo onde foram acolhidos pela comunidade judaica; primeiro foram morar no Bairro de Santana e depois Bom Retiro. A comunidade promovia eventos para ajuda-los e integrá-los. O pai, que era comerciante antes da guerra, começou como mascate de roupas, logo conseguiu comprar uma casa própria no Bom Retiro. O entrevistado estudou no Colégio Renascença e depois na PUC/SP. Começou a trabalhar no Renascença como auxiliar de limpeza, ainda criança, depois passou a inspetor de alunos. Secretário, Vice-Diretor e Diretor da Escola. Conta que os demais alunos eram judeus poloneses, alemães, russos, lituanos, além de espanhóis e portugueses.

Desta forma, parece que a colônia identificada com o idioma e a cultura polonesa, de maioria católica, em São Paulo, existia mais ou menos paralelamente e sem contactos diretos, com a colônia dos judeus poloneses. Isto parece ser válido também, para todas as outras das nacionalidades que estudamos, na medida em que, como os poloneses, os demais também apresentam nítidas divisões por diferentes vinculações religiosas.

Há diferenças no nível educacional de cada um dos grupos, também, o que determina o destino profissional, de certa forma. Seria preciso uma análise detalhada, dentro de cada etnia, da qualificação profissional, do nível educacional, e dos caminhos percorridos na trajetória profissional em São Paulo. Não há como, a não ser pelos depoimentos, dimensionar detalhadamente as diferenças de nível educacional, senão fornecer um perfil geral.

A distribuição das nacionalidades pelos bairros de São Paulo, primeiro quanto às empresas empregadoras e depois quanto ao local de residência, auxilia na compreensão das aglutinações. Como dissemos, de uma forma ou de outra, as regiões Centro, Oeste, Leste, Sul apresentam as maiores concentrações no que se refere às empresas, e de certa forma, a zona Norte da cidade. Nesse processo, merece destaque a tendência à industrialização que incorpora regiões suburbanas. Nesse sentido, um dos fatos mais significativos é o grande desenvolvimento industrial de Osasco, “subúrbio-estação” da E.F. Sorocabana e, na linha Santos-Jundiaí em direção a Santos, verifica-se uma intensificação do parque industrial de São Caetano e Santo André com a implantação de fábricas em trechos de ferrovia ainda não afetados pela industrialização suburbana. Na direção oposta, entre a Lapa e as imediações de Jundiaí, a Ferrovia Santos-Jundiaí praticamente não atraiu novas indústrias, a não ser Jaraguá e Campo Limpo. Essa função industrial deu lugar a um

desenvolvimento de suburbanização residencial (LANGENBUCH, 1976), o que talvez explique a concentração dos imigrantes conforme apresentados, em torno desses bairros, tanto no que se refere às empresas como no que se refere aos locais de residência. Em pouco tempo esse desenvolvimento foi acompanhado pela circulação rodoviária e pelos ônibus urbanos.

Algumas recorrências existem, embora seja difícil afirmar os motivos que levaram os imigrantes de cada uma das etnias estudadas a escolher os locais de moradia. Como vimos, há toda uma conjuntura própria aos bairros industriais, terrenos e aluguéis mais baratos, um sistema de transporte razoável tanto nas beiras de ferrovia quanto nas rodovias e quanto ao transporte urbano, o bonde e depois o ônibus, etc. O que entretanto, é mais significativo na escolha dos locais de moradia, é o fato de que anteriormente, já havia imigrantes das mesmas nacionalidades concentrados nesses bairros.

O caso da Vila Prudente, por exemplo, é bastante significativo: localizada entre a Região Sul e Leste da cidade, foi fundada por imigrantes italianos, os Falchi que ali fundaram uma fábrica de doces e bombons no final do século. Começaram comprando uma grande área para loteamento para residência de seus empregados que moravam no Brás. O Bairro deve seu nome ao Engenheiro Antonio Prudente de Moraes, primo-irmão de Prudente de Moraes, Presidente da República. Muitas casas foram construídas em regime de mutirão e uma olaria foi construída no Bairro para suprimento de material. A área possuía 1.200.000 m², em 1891 possuía 400 pessoas. A demora da luz elétrica levou o proprietário a transferir a fábrica para o centro de São Paulo. No antigo prédio se estabeleceu uma fábrica de tecelagem que mais tarde se transformou numa fábrica de chapéus, a “Manufatura de Chapéus Oriente”. A eletricidade só chegou ao Bairro em 1908 e em 1910, a linha telefônica, que vinha do Cambuci, em 1912, o 1º. bonde chega ao Bairro. Na década de 20 foi construído o Monumento do Ipiranga. A partir da década de 30, o Bairro começou a valorizar-se e empresas chegavam ao bairro, que assim atraía cada vez mais operários. Na Vila Zelina, a construção da Igreja São José e de escolas lituanas, passou a atrair a população lituana. Além deles, os russos se estabeleceram na região onde mantêm, um Centro cultural importante. Na Vila Alpina, igualmente, concentram-se lituanos e russos. A leva que veio em 1906, chamada de “velhos crentes”, se estabeleceu na Vila Alpina, onde ainda funciona uma Igreja e um centro cultural. Depois da 2ª. guerra, os recém-chegados também se concentraram em parte nesses locais, embora as novas gerações tenham se dispersado.

No Bairro da Mooca podemos encontrar lituanos também, e uma Aliança Cultural Lituano- Brasileira. Há festas folclóricas atualmente, reuniões culturais e a preservação da língua e transmissão aos descendentes. Há um Coral lituano junto à Igreja Lituana.

Referências

- ABREU, Marcelo P. (Org.). A ordem do progresso, cem anos de política econômica republicana: 1889-1989. 10.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- AMBROSI, Eugenio. Geopolítica e economia mundial no Pós-Segunda Guerra Mundial. In: SAKURAI, Celia; SALLES, Maria do Rosario; PAIVA, Odaír (Org.). Migrações Pós-Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Memorial do Imigrante/Fapesp/DL D' Livros, 2009.
- BAGANHA, Maria I. B. Principais características e tendências da emigração portuguesa. In: ESTRUTURAS Sociais e Desenvolvimento. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, Fragmentos, 1993.
- BASSANEZI, M. Sílvia B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. 2.ed. In: PATARRA, Neide (Coord.). Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: FNUAP, 1995. v.1.

FREITAS, Sonia Maria de. Projeto História Oral. Depoimentos. Memorial do Imigrante, SP.

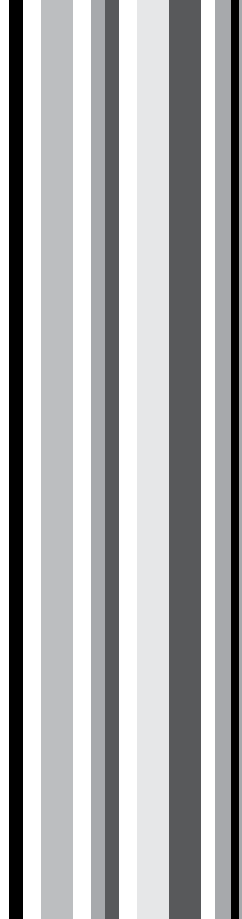
LACAVA, Glória. As origens da emigração italiana para a América Latina após a Segunda Guerra Mundial. *Novos Cadernos II*, São Paulo: Instituto Italiano de Cultura, p. 49-77, 1988.

MEMORIAL do Imigrante. Banco de dados. Projeto: Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial- 1947-1980. Apoio FAPESP, Coordenação: Maria do Carmo C. Campello de Souza e Maria do Rosário R. Salles. CD Rom, 2008.

SAKURAI, Celia; SALLES, Maria do Rosário R.; PAIVA, Odair. Guia do Banco de Dados. Relatório Científico. São Paulo: FAPESP, 2008.

VASCONCELOS, H. O problema da Imigração. *Boletim do Depo. De Imigração e Colonização, (DIC)*, 1950.

VIGEVANI, Tullo. Política e diplomacia. In: SAKURAI, Célia; SALLES, M. Rosário R.; PAIVA, Odair da C. *Migrações no Pós Segunda guerra Mundial*. São Paulo: Memorial do Imigrante/FAPESP/D'Livros, 2009. (Série Reflexões).



PERFIL DOS IMIGRANTES

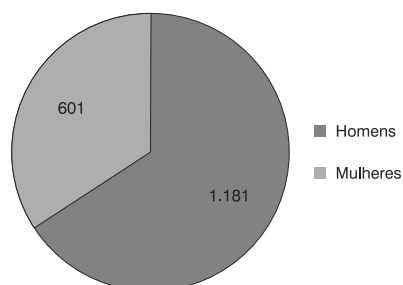
Sênia Bastos
Maria do Rosário Rolfen Salles
Odair Paiva
Roberta Guimarães Peres
Natália Belmonte Demétrio

Imigrantes alemães

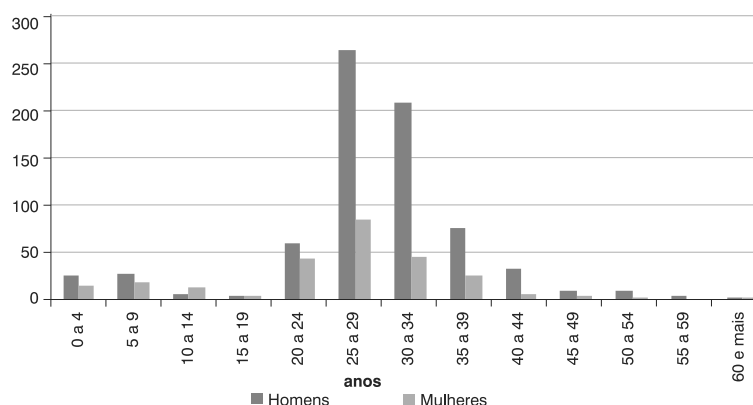
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Alemães, 1917 a 1977

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	268	17	285
Cônjuge	1	276	277
Filho(a)	146	127	273
Pai/Mãe	2	5	7
Genro/Nora	2	2	4
Neto(a)	1	1	2
Primo(a)	0	1	1
Tio(a)	0	2	2
Sogro(a)	0	3	3
Não definido	756	167	923
Total	1.176	601	1.777

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes alemães segundo sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1917 a 1977)



Destino dos imigrantes alemães no Brasil, segundo localidade da empresa contratante (1917 a 1977)

Unidade da Federação	Imigrantes Alemães
Bahia	1
Paraná	4
Rio de Janeiro	1
Rio Grande do Sul	6
Santa Catarina	2
São Paulo	370
Sem Informação	839
Total	1.223

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Alemães, segundo Instituição promotora da imigração (1917 a 1977)

Instituição Promotora	Imigrantes Alemães
Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (C.I.M.E.)	823
IRO	51
MRE	9
N.C.W.C.	2
Por conta própria	10
Sem Informação	328
Total	1.223

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Alemães, segundo status conjugal (1917 a 1977)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	369	89	458
Casado(a)	451	49	500
Desquitado(a)	24	11	35
Divorciado(a)	2	1	3
Viúvo(a)	4	14	18
Sem informação	177	21	198
Total	1.027	185	1.212

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Alemães, segundo setor de atividade (1917 a 1977)

Setor de Atividade	Imigrantes Alemães
Agricultura	8
Indústria	797
Comércio	21
Serviços	204
Serviços Domésticos	73
Outros	117
Sem identificação	577
Total	1.797

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes alemães, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1917 a 1977

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes espanhóis

Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Espanhóis, 1897 a 1978

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	1660	1058	2718
Cônjuge	5	1497	1502
Filho(a)	1875	1785	3660
Pai/Mãe	9	36	45
Irmão(ã)	44	62	106
Genro/Nora	1	0	1
Neto(a)	2	2	4
Primo(a)	1	0	1
Tio(a)	2	0	2
Sogro(a)	3	10	13
Outros	13	10	23
Não definido	1858	5290	7148
Total	5473	9750	15223

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

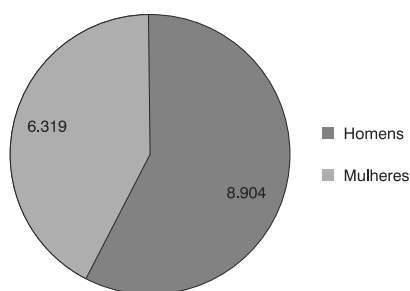
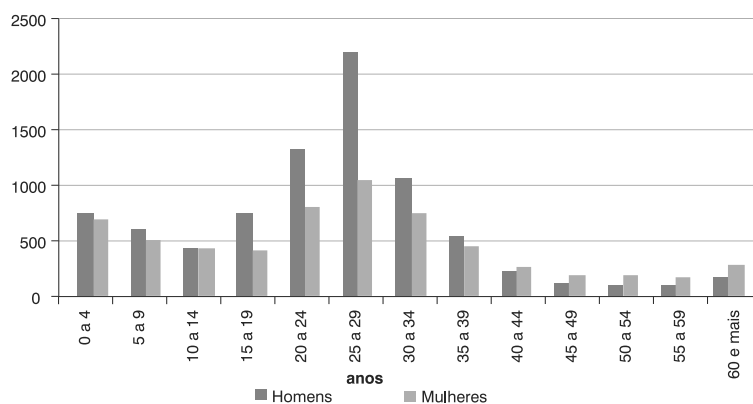


GRÁFICO 2. Imigrantes espanhóis segundo sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1879 a 1978)



Imigrantes Espanhóis, segundo Instituição promotora da imigração (1897 a 1978)

Instituição Promotora	Imigrantes Espanhóis
Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (C.I.M.E.)	7.960
C.N.C.I.	2
COM.CATÓLICA	9
DAIS	45
HIAS	4
iro	52
mre	1
N.C.W.C.	945
W.C.C.	5
Conta Própria	598
Sem Identificação	132
Total	9.753

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes espanhóis, segundo status conjugal (1897 a 1978)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	3.813	645	4.458
Casado(a)	2.584	1.905	4.489
Desquitado(a)	1	0	1
Divorciado(a)	1	0	1
Viúvo(a)	73	288	361
Sem informação	424	11	435
Total	6.896	2.849	9.745

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes espanhóis, segundo setor de atividade(1897 a 1978)

Setor de Atividade	Imigrantes Espanhóis
Agricultura	15
Indústria	3549
Comércio	1434
Serviços	1578
Serviços Domésticos	3320
Outros	158
Sem identificação	5072
Total	15126

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes espanhóis, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1897 a 1978



Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

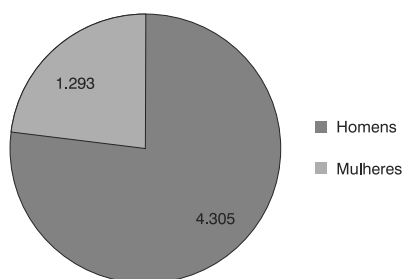
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes gregos

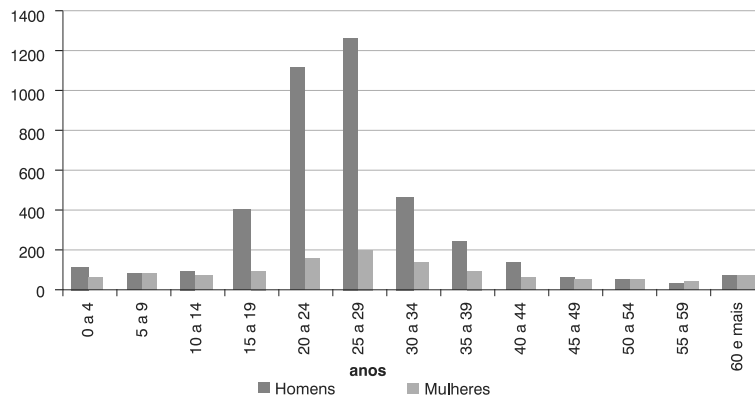
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Gregos, 1903 a 1969

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	500	169	669
Cônjuge	0	434	434
Filho(a)	347	298	645
Pai/Mãe	10	25	35
Genro/Nora	0	0	0
Neto(a)	1	0	1
Irmão(ã)	20	20	40
Sogro(a)	0	7	7
Não definido	3.427	336	3.763
Total	4.305	1.289	5.594

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes gregos segundo sexo e grupos quinquenais de idade, na chegada ao Brasil (1903 a 1969)



Imigrantes Gregos, segundo Instituição promotora da imigração (1903 a 1969)

Instituição Promotora	Imigrantes Gregos
Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias (C.I.M.E.)	4.090
IRO	30
H.I.A.S.	16
MRE	0
N.C.W.C.	0
W.C.C	94
RE	1
RE/CP	2
RE/W.C.C.	2
Refugiado	19
Temporário	1
Católica de Comércio	1
CONF. EVANG.	1
Por conta própria	105
Sem Informação	43
Total	4.405

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Destino dos imigrantes gregos no Brasil, segundo localidade da empresa contratante (1903 a 1969)

Unidade da Federação	Imigrantes Gregos
Mato Grosso do Sul	1
Minas Gerais	3
Paraná	2
Rio de Janeiro	9
Rio Grande do Sul	2
São Paulo	1.044
Sem Identificação	3.344
Total	4.405

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes gregos, segundo status conjugal (1903 a 1969)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	2.727	166	2.893
Casado(a)	996	249	1.245
Desquitado(a)	8	2	10
Divorciado(a)	2	0	2
Viúvo(a)	16	64	80
Sem informação	168	6	174
Total	3.917	487	4.404

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Gregos, segundo setor de atividade (1903 a 1969)

Sector de Atividade	Imigrantes Gregos
Agricultura	14
Indústria	1.758
Comércio	112
Serviços	1.853
Serviço Doméstico	698
Outros	109
Sem Informação	1.104
Total	5.648

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes gregos, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1903 a 1969

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

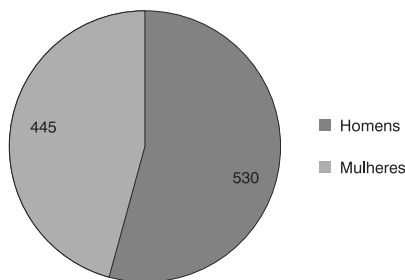
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes holandeses

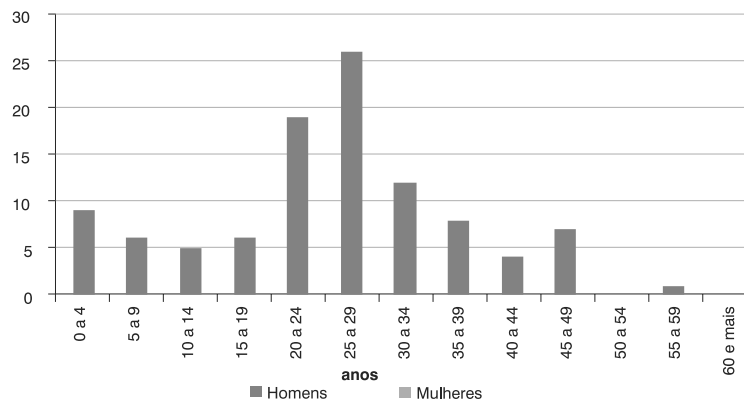
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Holandeses, 1923 a 1976

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	167	22	189
Cônjuge	1	177	178
Filho(a)	105	152	257
Pai/Mãe	0	0	0
Irmão(ã)	0	0	0
Neto(a)	0	0	0
Primo(a)	0	0	0
Não definido	279	91	370
Total	552	442	994

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes Holandeses, segundo grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1923 a 1976)



Imigrantes Holandeses, segundo Instituição promotora da imigração (1923 a 1976)

Instituição Promotora	Imigrantes Holandeses
Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (C.I.M.E.)	45
IRO	11
MRE	0
N.C.W.C.	0
Por conta própria	5
Sem Informação	508
Total	569

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes holandeses, segundo status conjugal (1923 a 1976)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	168	45	213
Casado(a)	265	63	328
Desquitado(a)	0	1	1
Divorciado(a)	0	0	0
Viúvo(a)	0	3	3
Sem informação	13	1	14
Total	446	113	559

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes holandeses, segundo setor de atividade (1923 a 1976)

Setor de Atividade	Imigrantes Holandeses
Agricultura	76
Indústria	314
Comércio	31
Serviços	60
Serviços Domésticos	72
Sem identificação	16
Total	569

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes holandeses, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1923 a 1976

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

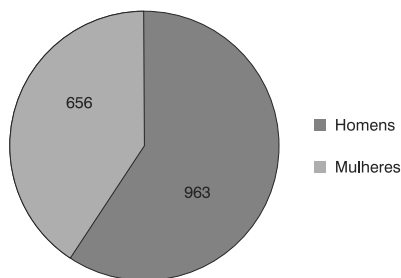
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes húngaros

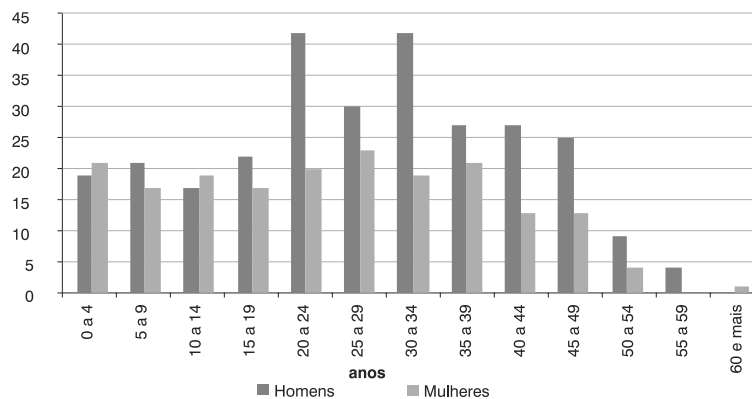
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Húngaros, 1904 a 1976

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	402	17	419
Cônjuge	1	390	391
Filho(a)	212	187	399
Pai/Mãe	3	10	13
Irmão(ã)	3	1	4
Sogro(a)	2	0	2
Outro	9	13	22
Não definido	331	38	369
Total	963	656	1.619

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes húngaros segundo sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1904 a 1976)



Imigrantes Húngaros, segundo Instituição promotora da imigração (1904 a 1976)

Instituição Promotora	Imigrantes Húngaros
Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (C.I.M.E.)	58
IRO	499
MRE	1
N.C.W.C.	93
H.I.A.S.	3
L.W.F.	6
RH/MCWC	1
RH/WCC	1
W.C.C.	40
Outras	1
Refugiados	3
Por conta própria	4
Sem Informação	85
Total	795

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Húngaros, segundo status conjugal (1904 a 1976)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	232	11	243
Casado(a)	461	26	487
Desquitado(a)	2	0	2
Divorciado(a)	17	7	24
Viúvo(a)	7	11	18
Sem informação	16	3	19
Total	735	58	793

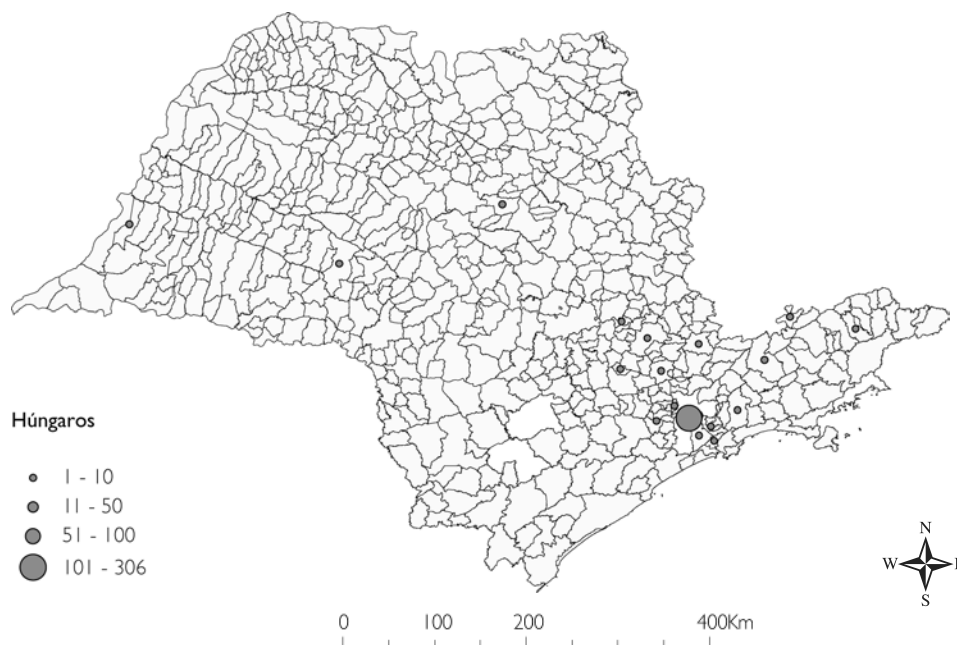
Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq)

Imigrantes Húngaros, segundo setor de atividade (1904 1976)

Setor de Atividade	Imigrantes Húngaros
Agricultura	11
Indústria	318
Comércio	42
Serviços	376
Serviços Domésticos	156
Sem identificação	810
Total	1.708

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes húngaros, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1904 a 1976



Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

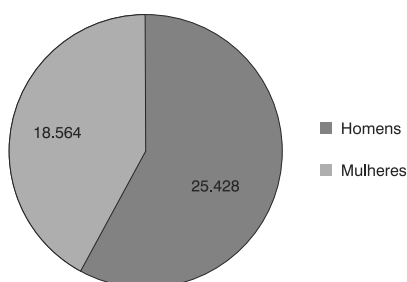
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes italianos

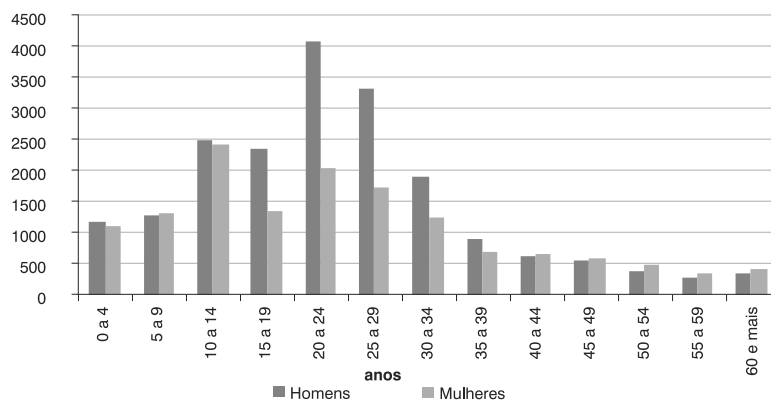
Relação com o responsável pela família. Imigrantes Italianos, 1947 a 1978.

Relação com o responsável pela família	Imigrantes Italianos
Responsável	7.469
Cônjuge	2.738
Filho(a)	13.320
Pai/Mãe	225
Genro/Nora	161
Neto(a)	192
Irmão(ã)	1.221
Tio(a)	8
Sogro(a)	25
Não definido	17.881
Total	43.240

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes Italianos segundo sexo e grupos quinzenais de idade na chegada ao Brasil (1947 a 1978)



Imigrantes Italianos, segundo Instituição promotora da imigração (1947 a 1978)

Instituição Promotora	Imigrantes Italianos
Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (C.I.M.E.)	20.485
IRO	180
MRE	4
N.C.W.C.	38
H.I.A.S.	9
D.A.I.S.	17
W.C.C.	1
Cruz Vermelha	1
Por conta própria	172
Sem Informação	3965
Total	24.872

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes italianos, segundo status conjugal (1947 a 1978)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	9.522	2.080	11.602
Casado(a)	6.914	5.147	12.061
Desquitado(a)	14	1	15
Divorciado(a)	3	1	4
Viúvo(a)	98	472	570
Sem informação	563	58	621
Total	17.114	7.759	24.873
São Paulo	24.681		
Sem identificação	1.789		
Total	27.753		

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Italianos, segundo região de destino. Estado de São Paulo, 1947 a 1978

Região de Destino	Imigrantes Italianos
Região Metropolitana de São Paulo	6.460
Região Administrativa de Marília	537
Região Administrativa de Campinas	275
Região Administrativa de Bauru	230
Região Administrativa de Sorocaba	175
Região Administrativa de São José do Rio Preto	80
Região Administrativa de São José dos Campos	37
Região Administrativa Central	50
Região Administrativa de Ribeirão Preto	41
Região Administrativa de Registro	6
Região Administrativa de Santos	5
Região Administrativa de Araçatuba	6
Região Administrativa de Franca	2
Região Administrativa de Presidente Prudente	2
Região Administrativa de Barretos	0
Total	7.906

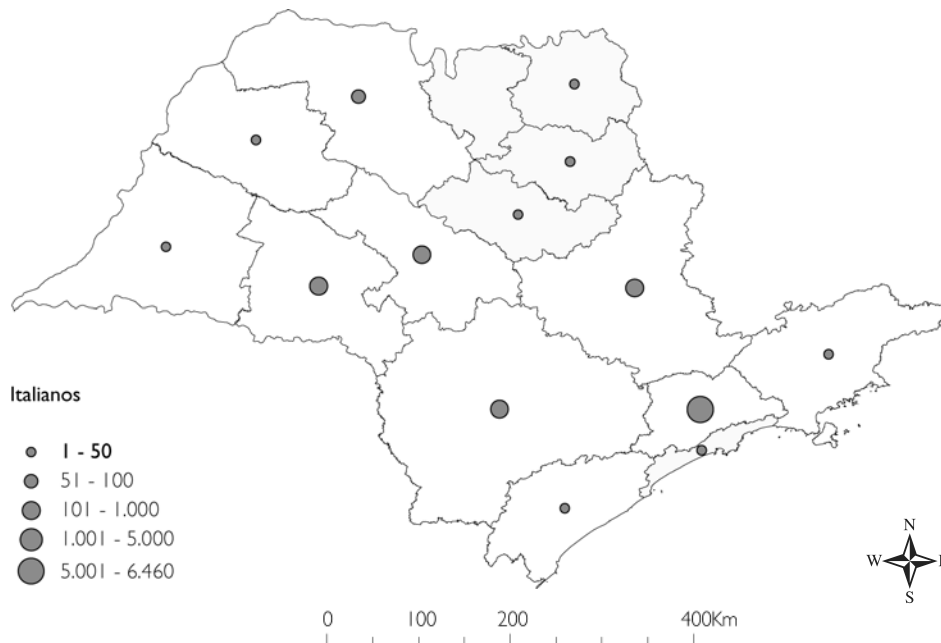
Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Italianos, segundo setor de atividade (1947 a 1978)

Setor de Atividade	Imigrantes Italianos
Agricultura	321
Indústria	1.797
Comércio	546
Serviços	2.353
Serviços Domésticos	2.607
Sem identificação	11.651
Total	19.275

Fonte: POS2WAR. Projeto "Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes italianos, segundo região de destino. Estado de São Paulo, 1947 a 1978



Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

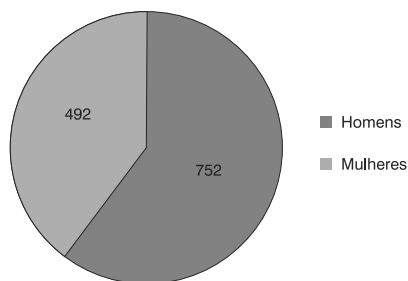
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes iugoslavos

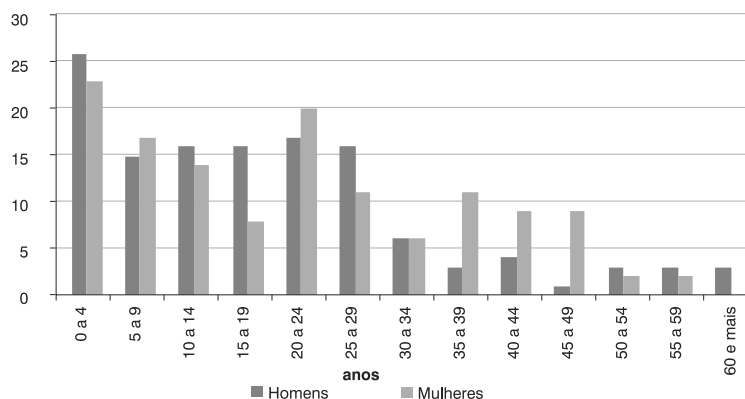
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Iugoslavos, 1947 a 1994

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	309	0	309
Cônjuge	0	313	313
Filho(a)	207	143	350
Pai/Mãe	3	8	11
Genro/Nora	0	2	2
Outros	0	0	0
Não definido	220	15	235
Total	739	481	1.220

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes Iugoslavos, segundo sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1947 a 1974)



Imigrantes Iugoslavos, segundo Instituição promotora da imigração (1947 a 1974).

Instituição Promotora	Imigrantes Iugoslavos
Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias (C.I.M.E.)	17
IRO	424
MRE	0
H.I.A.S.	1
N.C.W.C.	3
WCC	4
Cruz Vermelha	1
Por conta própria	7
Sem Informação	92
Total	549

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes iugoslavos segundo status conjugal (1947 a 1974)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	159	5	164
Casado(a)	334	6	340
Desquitado(a)	1	0	1
Divorciado(a)	5	0	5
Viúvo(a)	5	4	9
Sem informação	25	2	27
Total	529	17	546

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes Iugoslavos, segundo setor de atividade (1947 a 1974).

Setor de Atividade	Imigrantes Iugoslavos
Agricultura	26
Indústria	331
Comércio	26
Serviços	253
Serviços Domésticos	109
Sem identificação	571
Total	1.316

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes iugoslavos, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1947 a 1974



Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

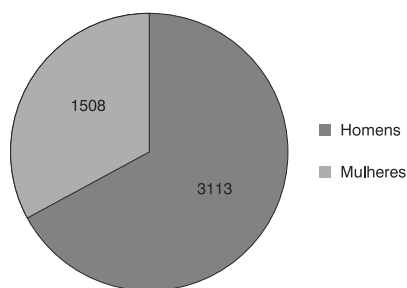
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes japoneses

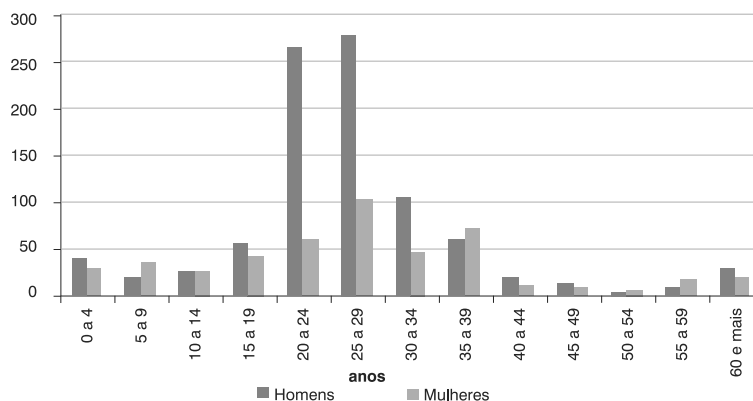
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Japoneses, 1912 a 1980

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	192	1	193
Cônjuge	14	424	438
Filho(a)	168	393	561
Pai/Mãe	14	15	29
Genro/Nora	0	5	5
Neto(a)	0	6	6
Outro	13	5	18
Não definido	2.716	659	3.375
Total	3.117	1.508	4.625

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes japoneses segundo o sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1912 a 1980)



Imigrantes japoneses, segundo Instituição promotora da imigração (1912 a 1980)

Instituição Promotora	Imigrantes Japoneses
IRO	10
MRE	1
N.C.W.C.	0
JAMIC	2.262
Por conta própria	6
Sem Informação	1.796
Total	4.075

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Destino dos imigrantes japoneses no Brasil, segundo localidade da empresa contratante (1912 a 1980)

Unidade da Federação	Imigrantes Japoneses
Mato Grosso do Sul	3
Paraná	17
Santa Catarina	2
Minas Gerais	2
São Paulo	871
Rio de Janeiro	1
Paraíba	1
Distrito Federal	1
Total	898

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes japoneses, segundo status conjugal (1912 a 1980)

Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	1.999	176	2.175
Casado(a)	905	592	1.497
Desquitado(a)	0	1	1
Divorciado(a)	0	0	0
Viúvo(a)	5	17	22
Sem informação	44	22	66
Total	2.953	808	3.761

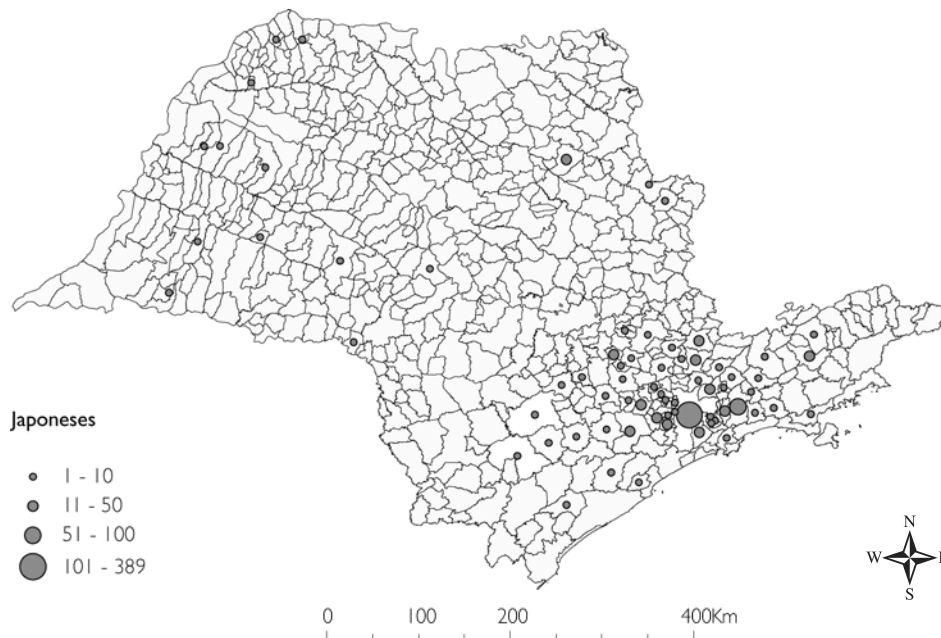
Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes japoneses, segundo setor de atividade (1912 a 1980)

Setor de Atividade	Imigrantes japoneses
Agricultura	252
Indústria	806
Comércio	121
Serviços	427
Serviços Domésticos	450
Sem identificação	1.517
Total	3.573

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes japoneses, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1912 a 1980



Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

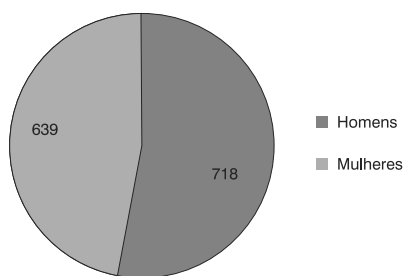
Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.

Imigrantes russos

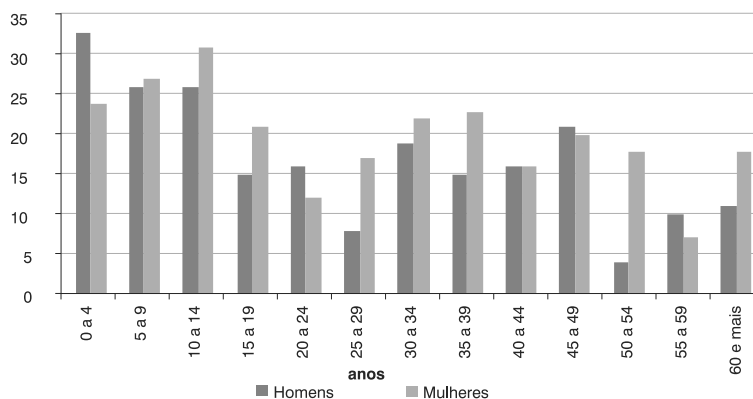
Relação com o responsável pela família, segundo o sexo. Imigrantes Russos, 1924 a 1964

Relação com o responsável pela família	Homens	Mulheres	Total
Responsável	352	17	369
Cônjuge	1	349	350
Filho(a)	234	209	443
Pai/Mãe	7	25	32
Genro/Nora	0	4	4
Neto(a)	2	3	5
Irmão(ã)	3	5	8
Sogro(a)	5	2	7
Outros	0	10	10
Não definido	114	15	129
Total	718	639	1.357

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).



Imigrantes Russos segundo sexo e grupos quinquenais de idade na chegada ao Brasil (1924 a 1964)



Imigrantes Russos, segundo Instituição promotora da imigração (1924 a 1964)

Instituição Promotora	Imigrantes Russos
Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias (C.I.M.E.)	6
IRO	376
W.C.C.	80
RR/W.C.C.	20
H.I.A.S.	1
CEB	1
Org. Católica	1
Por conta própria	4
Sem Informação	11
Total	500

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes russos, segundo status conjugal (1924 a 1964)

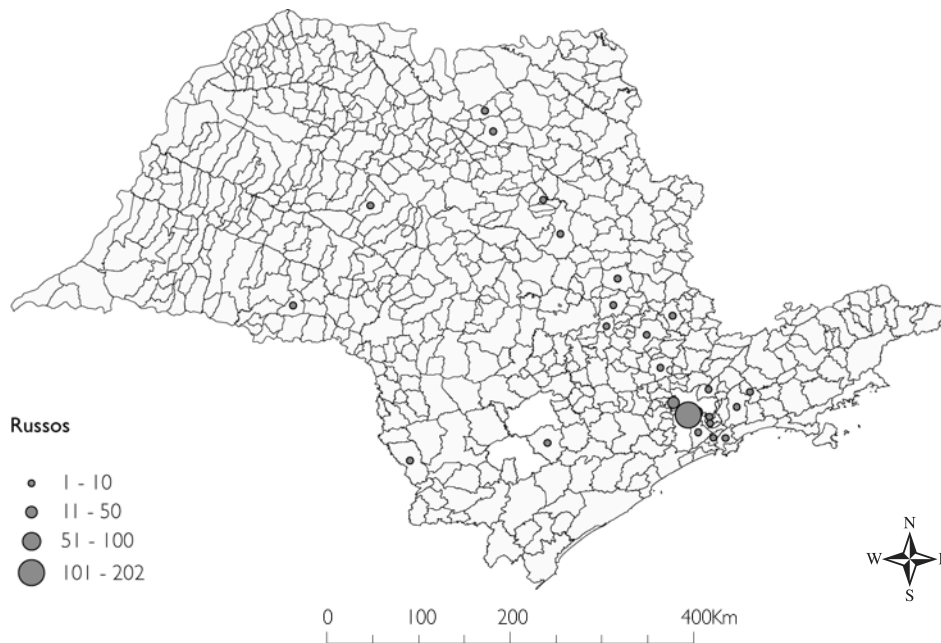
Status Conjugal	Homens	Mulheres	Total
Solteiro(a)	80	4	84
Casado(a)	354	9	363
Desquitado(a)	1	1	2
Divorciado(a)	0	3	3
Viúvo(a)	7	12	19
Sem informação	25	1	26
Total	467	30	497

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes russos, segundo setor de atividade (1924 a 1964)

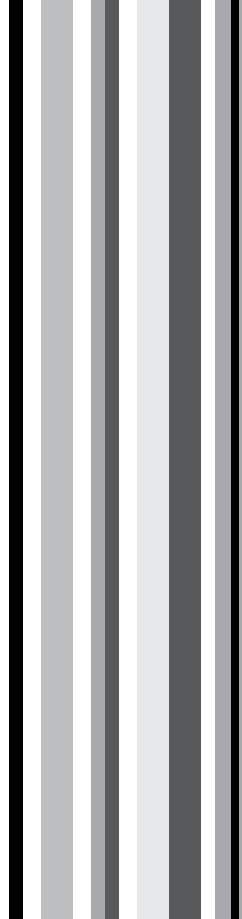
Setor de Atividade	Imigrantes Russos
Agricultura	53
Indústria	427
Comércio	14
Serviços	144
Serviços Domésticos	165
Sem identificação	616
Total	1.419

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Imigrantes russos, segundo município de destino. Estado de São Paulo, 1924 a 1964

Fonte: POS2WAR. Projeto “Fluxos Migratórios e Industrialização em São Paulo (FAPESP, 2003 a 2006). Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/Unicamp - FAPESP/CNPq).

Nota: Na elaboração desse mapa, foi usada a malha de 2010, fornecida pelo FIBGE, Censo Demográfico de 2010.



SOBRE OS AUTORES

Rosana Baeninger

Socióloga, Doutora em Ciências Sociais – área Estudos de População (IFCH-UNICAMP); professora do Departamento de Demografia, do programa de Pós-Graduação em Demografia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População - Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora do Projeto Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP/FAPESP/CNPq.

Maria do Rosário Rolfsen Salles

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Pós-Graduação em Ciências Sociais (USP), e Doutorado em Ciências Sociais- Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Doutoramento em Sociologia Urbana junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales. Docente aposentada e pesquisadora junto à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara. Professora da Universidade Anhembi Morumbi, junto ao Mestrado em Hospitalidade. Pesquisadora do Projeto Temático da FAPESP: Observatório das Migrações em São Paulo.

Sênia Bastos

Bacharel, mestre e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora titular do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisadora do Projeto Temático da FAPESP: Observatório das Migrações em São Paulo.

Odair Cruz Paiva

Bacharel em História pela PUC-SP , Mestre em Sociologia pela UNICAMP e Doutor em História Social pela USP. Possui Pós-Doutorado pelo NEPO-UNICAMP. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Pesquisador do Projeto Temático da FAPESP: Observatório das Migrações em São Paulo.

Roberta Guimarães Peres

Socióloga, Mestre e Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi Diretora Técnica da Agência Metropolitana de Campinas – Agemcamp. Bolsista em Pós-Doutoramento da FAPESP – NEPO/UNICAMP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora do Projeto Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP/FAPESP/CNPq.

Natália Belmonte Demétrio

Socióloga pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Demografia na mesma universidade. Doutoranda em Demografia (IFCH-UNICAMP). Membro da equipe do Projeto Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP/FAPESP/CNPq.

Esse livro foi editado pela Traço Publicações e Design e impresso em papel pólen 80g/m² pela Gráfica Alternativa-Prol em setembro de 2013 para o Projeto Observatório das Migrações em São Paulo.